

## CAPÍTULO 6

# FORMAÇÃO DOCENTE, PROFISSIONAIS DE APOIO ESCOLAR (PAES) E O PROJETO CAMINHOS PARA INCLUSÃO

---

*Data de aceite: 01/11/2024*

### **Hellen Guimarães Costa Matos**

Mestranda do Programa Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEDUC) UNEB; professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação do Salvador (SMED). Ssa/BA.

Salvador/Bahia

<https://lattes.cnpq.br/8927885215459102>

### **Elidê santiago Alves de Jesus**

Aluna especial do Programa Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEDUC) UNEB;

Coordenadora efetiva da Secretaria Municipal de Educação do Salvador (SMED). Ssa/BA.

Salvador/Bahia

<https://lattes.cnpq.br/4265390461874177>

**RESUMO:** O presente relato de experiência se configura no desenvolvimento do projeto Caminhos para Inclusão, nascido mediante as inquietações com questões que desafiam os processos de inclusão escolar de estudantes matriculados em uma escola da Rede municipal do Salvador, e visa apresentar a experiência da coordenadora e de uma das professoras das Salas de Recurso Multifuncionais (SRM) que

assistem ao público do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da instituição em que atuam. A escola lócus do projeto, atende ao segmento da educação infantil e foi denominada aqui como Escola do Quintal. Nesse texto as autoras buscam apontar caminhos pensados e executados mediante ação formativa realizada prioritariamente, com as professoras e PAEs da escola, com intuito de fazer com que as mesmas possam refletir no âmbito da inclusão escolar, sobre ações coerentes para a inclusão das crianças com necessidades educativas especiais, tendo suas práticas cotidianas como ponto de partida para tantos outros processos que contribuam para uma caminhada afetuosa e em constante da melhoria da educação pública da rede municipal do Salvador.

**PALAVRAS-CHAVES:** Formação docente; inclusão escolar; profissional de apoio educacional.

TEACHER EDUCATION, SCHOOL SUPPORT PROFESSIONALS (SSPS) AND THE PROJECT PATHWAYS TO INCLUSION

**ABSTRACT:** This experience report is part of the development of the Paths to Inclusion

project, born out of concerns about issues that challenge the school inclusion processes of students enrolled in a school in the municipal network of Salvador, and aims to present the experience of the coordinator and a of the teachers of the Multifunctional Resource Rooms (SRM) that assist the public of the Specialized Educational Service (AEE) of the institution in which they work. The project's locus school serves the early childhood education segment and was named here as Escola do Quintal. In this text, the authors seek to point out paths designed and implemented through training actions carried out primarily with the school's teachers and PAEs, with the aim of enabling them to reflect within the scope of school inclusion, on coherent actions for the inclusion of children with special needs. special educational ones, with their daily practices as a starting point for many other processes that contribute to an affectionate and constant journey towards improving public education in the municipal network of Salvador.

**KEYWORDS:** Teacher education; school inclusion; school support professionals.

## 1 | INTRODUÇÃO

A inclusão escolar das pessoas com necessidades educacionais especiais é um dos desafios da Educação do século XXI, ainda apresenta muitos entraves em seu processo, devendo levar em conta também, a diversidade de experiências e contextos existentes nos espaços escolares.

Contudo, atualmente devido a discussões sociopolíticas, estudos acadêmicos e ações formativas mais amplas de conscientização sobre inclusão de pessoas atípicas, está ocorrendo um significativo avanço na conquista pelos direitos de aprendizagem destes indivíduos.

Desde a década de 1990, tem se constituído um movimento de defesa e legitimação dos direitos das pessoas com deficiência, mediante os documentos, como a Declaração de Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/1996 (Brasil, 1996) e a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015 (Brasil, 2015). É importante reconhecermos que ainda são exígues o número de ações formativas de sensibilização e conscientização para a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais em creches e escolas, com intuito de tornar estes ambientes mais inclusivos e favoráveis às aprendizagens de todos os envolvidos.

Inquietas com questões que desafiam os processos de inclusão escolar de estudantes matriculados na Rede municipal de ensino do Salvador, público do Atendimento Educacional Especializado (AEE), decidimos por trazer a escrita deste artigo, que tem como objetivo relatar a experiência da coordenadora e de uma das professoras das Salas de Recurso Multifuncionais (SRM) de uma escola municipal da Rede do Salvador, localizada no Subúrbio Ferroviário, lugar de muita resistência e grandes belezas.

Neste texto foram atribuídos os nomes fictícios aos espaços e segmentos dos profissionais de educação partícipes da ação formativa. Iremos nos referir à unidade

escolar como Escola do Quintal, quanto aos profissionais em educação, chamaremos a coordenadora de Florzinha e a professora de uma das salas de AEE da unidade de Gaivota.

Tendo em vista o cotidiano escolar da Escola do Quintal, as autoras foram levadas a refletir e buscar novas itinerâncias para a unidade de ensino, através da apresentação de propostas e metodologias possíveis na formação para inclusão escolar no cotidiano. Para isso, temos como base o projeto Caminhos para Inclusão, o qual objetiva auxiliar os profissionais em educação a ajudar os alunos, público do AEE, a superar ou minimizar barreiras ampliando assim, as possibilidades de desenvolvimento em seus aspectos biopsicossociais que devem ser construídos coletivamente. Então, vamos começar a conversar sobre esse movimento tão intenso e rico de experiências pessoais e profissionais que colocaram em cena os educadores da escola.

## **2 | PROJETO CAMINHOS PARA INCLUSÃO: UMA PROPOSIÇÃO FORMATIVA**

O projeto Caminhos para Inclusão é parte integrante do Ciclo Formativo “Tecendo caminhos para uma nova escola da infância”, plano formativo idealizado pela coordenadora pedagógica da Escola do Quintal. A proposta foi elaborada e executada por um grupo de profissionais da educação sensibilizadas com a urgência em apoiar e auxiliar no atendimento às crianças com deficiência de forma mais abrangente e inclusiva, garantindo os seus direitos em acordo com a legislação vigente, como será apontado no decorrer do texto.

O lócus de desenvolvimento da ação, a Escola do Quintal, está localizada em um ambiente privilegiado quanto ao espaço e proximidade com a natureza, lá é atendido o segmento da Educação Infantil. A Escola do Quintal segue a linha de trabalho pedagógico baseado nos Direitos de Aprendizagem (Brincar, Interagir, Participar, Expressar-se, Explorar e Conhecer-se) que se encontram na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento mandatório de toda Educação Básica, visando também garantir às crianças uma prática pedagógica baseada nos eixos estruturantes da Educação Infantil, as brincadeiras e interações, conforme nos orienta as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.

As propostas pedagógicas são voltadas para a interação das crianças com materiais leitores, estímulos à oralidade, processos de investigação, materiais não estruturados, estruturados, diversos tipos de riscadores, portadores textuais, contato direto com a natureza e diversas ferramentas que favorecem a produção de cultura e a construção do conhecimento de forma autônoma.

O projeto Caminhos para Inclusão contou como colaboradores/as, as professoras da sala regular que nomeamos de Borboletas; com as profissionais de apoio escolar chamadas aqui de Formiguinhas e em momentos pontuais, abrangemos também funcionários de apoio, secretária, merendeiras e portaria. Optamos por codinomes lúdicos, para fazer jus ao ambiente da educação infantil em que foi concebido e realizado o projeto Caminhos para Inclusão.

A Escola do Quintal, tem uma perspectiva metodológica fundamentada no direito de brincar das crianças matriculadas. Para isso, designa em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), efetivar a educação inclusiva, numa perspectiva construtivista sociointeracionista, respeitando as necessidades educacionais dos estudantes, com intuito de favorecer o seu desenvolvimento integral.

O PPP da Escola do Quintal aponta ainda, que sua proposta metodológica está implicada com a perspectiva inclusiva, pois, o fazer pedagógico da escola perpassa por estudos sobre a história e cultura afro-brasileira e africana, atendendo a Lei nº 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares para Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador.

Já, neste artigo, optamos por trazer enfoque nas ações de inclusão escolar de indivíduos com necessidades educacionais especiais sem, contudo, perder de vista outros aspectos que compreendem a inclusão escolar.

Se faz necessário destacar que, no fazer pedagógico cotidiano da Escola do Quintal são possibilitadas a todos estudantes experiências ricas com a natureza, com elementos diversificados, materiais estruturados e não estruturados, salas de vivências compostas por sala de leitura, sala de corporeidade, ambiente de faz de conta, jogos simbólicos, sala de contrução e mercadinho, dentre tantas outras oportunidades de experiências.

A partir dessas experiências vivenciadas pelas crianças, a Escola do Quintal busca abranger os Direitos de aprendizagem contidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e os Campos de Experiências que constam no material curricular da Rede Municipal de Salvador, a fim de garantir às crianças as aprendizagens necessárias para seu desenvolvimento, conforme encontramos a finalidade desta etapa na LDB nº 9.394/1996 (Brasil, 1996).

Para ter garantido uma infância rica em experiências que sejam significativas, a Escola do Quintal, visa buscar estratégias que possibilitem a todas as crianças, variadas experiências em todos os âmbitos esperados para o segmento da educação infantil, assim como nos orienta o material curricular da Rede municipal.

Viver a infância é explorar o mundo, investigando os espaços, objetos e elementos da natureza e atribuindo sentido aos fatos e fenômenos; é ter as possibilidades de olhar, compreender e expressar suas ideias sobre o mundo a partir da sua visão de criança (Salvador, 2015, p. 26).

Entretanto, diante das demandas estabelecidas no cotidiano da instituição escolar, as professoras do AEE junto à coordenação, identificaram algumas necessidades evidentes que eram passíveis de uma atuação mais estruturada e fundamentada para auxiliar o grupo de educadoras da escola. Dentre esse grupo, destacamos para a atuação do projeto, o apoio e instrumentalização, as professoras das turmas, as auxiliares e PAE, nos quais todas atuam em uma comunidade educadora.

Durante nossas observações no cotidiano da instituição enquanto coordenadora e professora do AEE, fomos identificando a necessidade de buscar os caminhos para garantir

a inclusão das crianças com deficiência nesse processo, entendendo e respeitando o fazer pedagógico de cada uma das educadoras que ali já desenvolviam o seu trabalho de forma responsável. Entretanto, a necessidade de lançar mão estudos e reflexão sobre sua prática era um fator determinante para a continuidade dos processos de estudo e formação do grupo de educadores da instituição, Fátima Freire nos faz refletir sobre essa necessidade e diz “no entanto, para que o educador possa indagar-se sobre sua prática, é necessário que exista outro que o questione. Outro que o mobilize, o sensibilize nessa direção, nessa busca”. (Dowbor, 2008, p. 41).

Sabemos que, cada sujeito se compõe diante de sua história e com ela todos os seus saberes, experiências e vivências, além disso, o processo formativo de cada um é de fundamental importância, seja a autoformação ou heteroformação, para que assim, se configure este processo.

## **2.1 Formação para inclusão escolar: pedra angular na construção dos caminhos**

A temática da inclusão escolar chegou para as autoras deste texto como contexto do fazer pedagógico de ambas, já a formação das professoras e das PAEs se apresentou primeiramente, como um entrave à composição da prática educativa desejada para o bom andamento da Escola do Quintal. No entanto, a partir da escuta sensível das demandas da comunidade escolar referente à inclusão das crianças público do AEE, o pensar na formação constituiu-se como pedra angular na construção de novos e possíveis caminhos para inclusão.

Comecemos por situar a percepção do termo Formação tomado neste texto, a qual baseia-se na lógica da construção do conhecimento, apresentando a relação entre o conhecimento desenvolvido e os problemas que lhe dão sentido. Já, apoiadas em Freire (1996), concebemos que os sujeitos aprendem em comunhão com os outros mediante a troca de saberes.

Seguindo também, a proposição trazida por Pinto, Barreiro e Silveira (2009), consideramos a ideia de formação com base em um processo multirreferencial de interação dos saberes, marcado por uma preocupação ideológica relacionada à concepção de emancipação dos indivíduos confiando, pois, que o desenvolvimento destes esteja relacionado de forma indissociável, à formação da sociedade mediante um processo dialógico de construção e desenvolvimento dos saberes.

Dentro das concepções apresentadas e mediante a escuta das professoras e das PAEs da Escola do Quintal, através de observação em sala, nas experiências cotidianas com as crianças, identificamos que ao estarem com crianças atípicas, estas profissionais perceberam a urgência em compreender as realidades educativas da inclusão escolar, ao mesmo tempo que buscaram construir suas leituras de mundo através da constituição do seu próprio processo formativo (Prada; Freitas; Freitas, 2010).

A Escola do Quintal segue a linha de trabalho pedagógico baseado nos Direitos de Aprendizagem (Brincar, Interagir, Participar, Expressar-se, Explorar e Conhecer-se) que se encontram na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento mandatório de toda Educação Básica, visando também garantir às crianças uma prática pedagógica baseada nos eixos estruturantes da Educação Infantil, as brincadeiras e interações, conforme nos orienta as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.

As propostas pedagógicas são voltadas para a interação das crianças com materiais leitores, estímulos à oralidade, processos de investigação, materiais não estruturados, estruturados, diversos tipos de riscadores, portadores textuais, contato direto com a natureza e diversas ferramentas que favorecem a produção de cultura e a construção do conhecimento de forma autônoma.

Percebemos que em sua maioria, as educadoras tentaram dirimir suas dúvidas buscando por escritos não científicos na internet, em cursos de outras instituições ou apenas em conversas com seus pares no ambiente de trabalho sem, contudo, contarem com ações formativas efetivas que contemplam sua realidade quanto à preparação para atuar com a inclusão escolar.

Refletindo sobre os aspectos elencados na busca por formação das colaboradoras do projeto Caminhos para Inclusão, é preciso considerar, também, o papel da instituição escolar no atual cenário social, sabendo que:

A escola assenta num contrato social e político que lhe atribui a responsabilidade pela formação integral das crianças e num modelo organizacional bem estabelecido (Nóvoa, 2006). No início do século XXI começou a tornar-se claro que este contrato e este modelo precisam de ser profundamente repensados. Já não se trata de melhorias ou de aperfeiçoamentos ou mesmo de inovações, mas de uma verdadeira metamorfose da escola. Fazer esta afirmação é, também, reconhecer as mudanças que, inevitavelmente, atingem os professores e a sua formação (Nóvoa, 2022, p. 58).

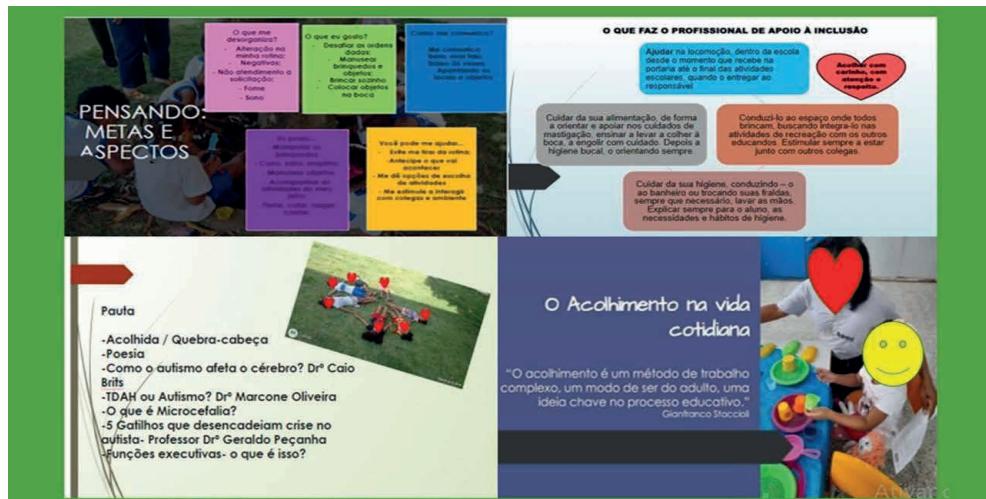
A afirmação feita pelo autor permite que façamos a correlação entre o modelo de formação para educadores realizado hoje, e o papel da escola como espaço de constituição e desenvolvimento, tanto do indivíduo quanto da sociedade. Isso posto, configuramos que o panorama descrito abrange a instituição escola quando esta se concentra em atender ao contrato social e político firmado com o corpo civil, acabando por deixar a cargo dos educadores/as a procura por caminhos formativos para responder às demandas da sociedade, sem que ocorra atualização efetiva dos processos de formação dos mesmos.

Identificamos ainda, a partir de Gatti e Barreto (2009), quando discutem sobre o professorado brasileiro em um trabalho realizado para a UNESCO, que, mesmo estando, nas últimas décadas do século XX, o Brasil possuía baixo acesso à escolarização básica, evidenciando muitas pessoas não alfabetizadas ou com pouca escolaridade. Aspecto que se apresenta como agravante na busca por formação para inclusão escolar que almejamos.

Dessa forma, consideramos que a proposta de formação abarcada no projeto Caminhos para Inclusão é de incentivo ao desenvolvimento do pensamento crítico dos sujeitos implicados na ação, e os leva a reconhecer que educação ocorre em múltiplos espaços e contextos, e que pode sim ter seu início ou continuidade em seus espaços de atuação, como apresentado neste relato.

Entendemos, assim, que a necessidade de formação continuada do grupo de educadoras deveria ocorrer em colaboração com escola, mesmo que não seja apenas de responsabilidade desta entidade. Acolhemos nossa responsabilidade social e a urgência formativa ao avaliarmos os pontos chaves da realidade da inclusão escolar e direcionarmos o projeto para atender à formação de professores e auxiliares que atendiam às crianças com deficiência na escola regular.

Assim, demonstramos no infográfico a seguir, as etapas de estruturação do projeto Caminhos para Inclusão durante o trabalho de formação das educadoras.



Fonte: Elaborada pelas autoras.

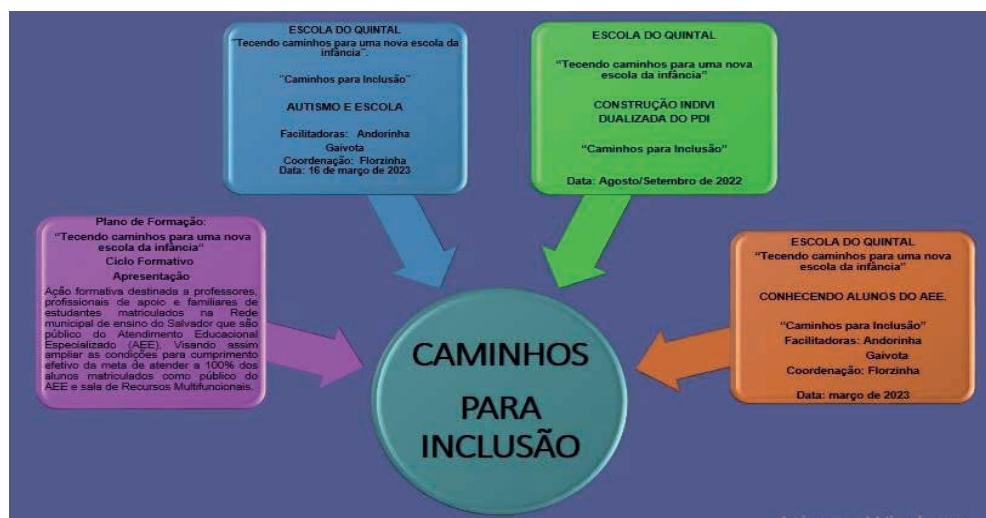
Abordamos as temáticas apontadas, mediante estratégias diversas, para reflexão a respeito do tempo de desenvolvimento, aprendizagem e habilidades de cada pessoa, seja ela típica, ou atípica. O Infográfico 2 visa ilustrar a composição das temáticas suscitadas, o que ajudou a promover um maior envolvimento do grupo, que iniciou uma roda de conversa sobre as temáticas abordadas, alicerçando o seu fazer educativo tendo como base a convivência com as crianças cuidadas por cada uma delas.

Pensar o âmbito da inclusão não é um terreno de fácil acesso, visto que, cada indivíduo que chega à escola, vem carregado de suas experiências, concepções e vivências que lhe tocam e os fazem se afastar ou se aproximar da temática. Essa perspectiva, nos faz pensar sobre o afeto nas relações entre os seres que constituem a escola, em especial

na relação entre criança e educador, o que é algo prioritário no processo educativo, assim como nos afirma Marcelo Cunha Bueno:

[...] Afeto é afetar. É o compromisso de transformar o outro. O coletivo. Afeto é desafiar, abrir caminhos. Dar as mãos. É parceria. Afeto é generosidade. Não se educa sem generosidade [...] Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. Para além de toda a tecnologia pedagógica atual (Bueno, 2018, pág. 53).

Entretanto, é uma temática que atualmente não está dissociada da educação escolar, sendo assim, é importante ressaltar que as políticas públicas apesar de serem lentas nesta perspectiva, já apresentam-se no âmbito da definição de que todas as crianças precisam ser atendidas e terem os seus direitos garantidos na escola regular, através da LDB (1996) que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, citada no começo deste texto.



Fonte: Elaborada pelas autoras.

### 3 I RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE ALGUMAS TESSITURAS PARA ESSES CAMINHOS

Considerando os aspectos apresentados neste relato, é imprescindível pontuar como resultado demonstrado a importância de se fazer educação na continuidade, em processos que dialogam com a teoria e a prática, com a perspectiva de que aprendemos durante toda vida, assim como Fátima Freire Dowbor (2008) traz uma reflexão que cita o próprio pai, Paulo Freire “[...] o que nos torna seres programados para aprender é uma característica fundamental do ser humano: o fato de sermos seres inacabados” (p. 58).

Se faz necessário que, de forma criteriosa busquemos os fatores primordiais que nos auxiliam nesse caminhar tão intenso e significativo que é o processo educativo como um todo, e propomos uma continuidade para outras discussões, especialmente a

perspectiva da autoformação, enquanto constituição de educadores que alicerçam tantos outros seres.

O projeto realizado na Escola do Quintal, veio como um aliado do grupo de educadores que incansavelmente buscam estruturas e caminhos dos mais diversos para atender de forma respeitosa e com equidade a todas as crianças. O atendimento às crianças atípicas precisa ser uma prioridade nas escolas, é fundamental que os caminhos se cruzem para atender de forma igualitária à todos/as.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os educadores que fazem da educação um lugar de luta e resistência nas instituições escolares da Rede municipal, lócus da atuação do projeto, necessitam de continuidade em processos como este, que ajuda a pensar caminhos verdadeiramente para construir a inclusão.

Historicamente temos a convicção de que, as lutas travadas até aqui para favorecer a inclusão das pessoas com necessidade educativas especiais foram constantes, muitas vezes de forma dolorosa e sem perspectivas de avanço. Hoje, contudo, conseguimos perceber que há movimentos muito mais intensos e colaborativos na luta pela igualdade de direitos e equidade nos processos de vida social.

Cientes que, cada dia é um novo recomeço, é um refazer-se constante neste percurso, o mais importante de tudo isso, é compreender que estamos na busca por novos caminhos para transformar a realidade que vivemos.

Reiteramos a importância da formação na composição do papel do educador e da escola de maneira ampla, com intuito de traçar cotidianamente, caminhos que revelem a busca incessante por aprender e cuidar da inclusão real e possamos, assim, nos perceber como construtores em suas próprias vidas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Inclusão: **O nascer de uma nova pedagogia**. São Paulo: Ciranda Cultural: 2008.

BRASIL. **Lei nº 9.394/1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018.

BUENO, Marcelo Cunha. **No chão da escola**: por uma infância que voa. São Paulo: Editora Passarinho, 2018.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PRADA, Luis Eduardo; FREITAS, Thaís Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 10, núm. 30, mayo-agosto, 2010, p. 367-387. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná. Acesso em: 13 jun. 2024.

PINTO, Carmem Lúcia Lascano; BARREIRO, Cristhianny Bento; SILVEIRA, Denise do Nascimento. Formação continuada de professores: ampliando a compreensão acerca deste conceito. **Revista Thema**, v. 7, n. 1, dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/19>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SALVADOR. **Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil de Salvador**. Salvador: SMED, 2015i.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas,SP: Autores associados, 2013.